

PREPARAÇÃO PARA A PRÓXIMA VIDA

Tradução de Rita Figueiredo

Vencedor do
PEN/Faulkner Award
for Fiction 2015
e do New York City
Book Award for Fiction

ATTICUS LISH

ELSINORE



*Para a Beth
nesta Vida e na Próxima*

PRIMEIRA PARTE



la veio de Archer, passando por Bridgeport, Nanuet, e chegou ao fim da I-95 de calças e blusão de ganga, trazendo na mão um saco de plástico e chinelas de plástico, um número de telefone, e esperava debaixo de um viaduto, zonzas, as batatas fritas há muito que tinham terminado.

Eles apanharam-na na autoestrada, junto a um barracão branco com um letreiro a dizer exército-marinha, e pneus pendurados em árvores. Um Chevrolet Caravan encostou, com um Rei Macaco no tabliê, e ela entrou. Os homens levaram-na para um Motel 8 e puseram-na num quarto com meia dúzia de outras mulheres de Fujian e um litro de refrigerante de laranja. Passou a noite a ouvir os camiões a chegarem e o ar condicionado a trabalhar.

Deram-lhe uma camisa com uma insígnia e uma pala para a cabeça, o cheiro de gordura vaporizada inundava a fábrica. Todas lhe diziam que tinha de ser rápida, porque o patrão estava a ver. Como não falavam os dialetos umas das outras, optavam por comunicar em inglês. No seu primeiro dia, os ténis gastos escorregavam na gordura. Deixou cair um pedido, a massa espalhou-se como minhocas, e nessa noite deitou-se de cara voltada para a parede, com os dentes cerrados, a pestanejar.

Os americanos estacionaram na parte da frente, deixando as carrinhas de caixa aberta a soltarem estalidos sob o calor do sol, e entraram lenta e silenciosamente, com lenços na cabeça e camisolas de alças vestidas. Pousavam um cotovelo no balcão e apontavam com os grandes dedos para o menu, pedindo este aqui. Os negros traziam na mão o que iam gastar, o maço de notas e os trocos.

‘Cês vão-me deixar comer asas de frango? Têm de me dizer o que posso comer com isto.

Ela sabia dizer que sim. Quando eles apontavam para o menu, percebia perfeitamente. Em Nanuet, queriam o rodízio. Ela entendia. Querem mais disto. Está bem. Sabia apressar-se a ir buscar alguma coisa, trabalhar, porque tinha de ser, trabalhar catorze horas por dia todos os dias, até ao décimo ou décimo primeiro dia, quando tinha um dia livre, como o chefe lhe chamava, porque era melhor do que vasculhar no lixo do campo de manobras militares a sul do rio.

No motel, mantinham a televisão ligada para treinar o inglês. Ficavam agachadas na alcatifa, a mover os lábios sob a luz azulada, a ver os corredores dos supermercados e os carros velozes. Incrível, diziam. Esta terça-feira na Fox. Um dia triste no Iraque. Viu soldados de óculos protetores e antenas de rádio a passarem de carro pelas casas de adobe no deserto, onde ela vivera.

Camelo. Apontou. O animal. É muito bom.

Demasiado difícil, diziam elas. Não é possível assimilá-lo. A mente é uma tábua de madeira.

Alguém bocejou.

Teriam de o praticar durante toda a vida.

Depois de terminado o trabalho da noite, atravessavam o parque de estacionamento em direção ao único carro restante, o Caravan que esperava para as levar de volta ao motel. Davam a comida ao homem, e ele pousava-a nos jornais abertos nas páginas das notícias de Hong Kong. Ela observou as vastas faixas de noite a passarem enquanto a levavam a casa, as áreas negras da floresta, a autoestrada e o céu negro como ardósia. Ele tinha um fio de ouro e um visto permanente, e conduzia com as luzes desligadas, atento à polícia.

As mulheres eram de Começa a Celebrar, Quatro Reuniões, Montanha Ligada e Honestidade Admirada. Ela disse-lhes que era de um lugar a sul do rio.

Mas és de outro lugar, diziam elas.

Sou chinesa, como vocês.

Não pareces.

Sob a luz do sol, era possível perceber que o cabelo de Zou Lei era castanho e não preto. Tinha uma ligeira ondulação. Ela tinha um nariz ligeiramente adunco e olhos siberianos.

A nossa China é um país muito grande, respondeu.

Falas como uma pessoa do Norte.

Noroeste.

É uma minoria, disse uma das mulheres.

Podem ensinar-me a vossa língua.

Isso não significa nada. Temos terraço do povo, rio pacífico, lago plácido, sul ondulante, cerca de algodão, zhangpu, a convergência da paz, swatow, tranquilidade comum, proeminência, samyap, jungcan, paz vasta, três condados, o dialeto-próximo-da-família-Zhang e mais uma centena. Qual queres que te ensinemos?

Zou Lei pensou por um momento. Então digam-me como se diz que o céu é alto. Sorriu e apontou para o teto manchado. O céu é alto, e a terra é vasta.

Algumas assentiram, algumas sorriram, revelando dentes em mau estado. É verdade, é verdade, concordaram, e uma das mulheres suspirou.

Em vez disso, aprendeu a receber pedidos. Os bolinhos da sorte estavam na caixa por baixo do calendário do ano da Cabra e do pequeno santuário de plástico. Os guardanapos, palhinhas e pauzinhos estavam todos juntos na prateleira. Dar sempre garfo de plástico a toda a gente. Quando um cliente entra, perguntas-lhe: o que você vai querer? Depois gritas pedido para cozinha: frango-brócolo, vaca-brócolo, vaca-ervilha, três-vapor, assim, para ser rápido.

Ninguém teve de a ensinar a limpar e a levar o lixo para a rua, e a preparar uma saca de legumes, cortando a parte que não se come. Viram que era muito trabalhadora. A maioria do que faziam eram coisas que já sabia. Agachada, lavava a roupa na banheira, torcendo-a com as suas mãos campestres, gretadas e roxas, e pendurava-a no varão da cortina do duche, juntamente com a roupa das outras a pingar, as calças de ganga molhadas, com lantejoulas e personagens de banda desenhada desbotadas.

Ao balcão, colocou um pedaço de cartão no fundo de um saco, agrafou os bordos de uma caixa de esferovite e pousou a caixa em cima do cartão, no fundo do saco. Os outros recipientes foram dispostos em cima, separados por cartão. Agrafou o menu ao saco e estendeu-o por cima do balcão a um homem magro de boné vermelho e cabelo louro comprido. Pegando em mais um menu, ele disse: Estás a melhorar muito. Cronometrei-te.

O patrão disse que as mulheres precisavam de alguém para supervisionar o seu bem-estar, uma irmã mais velha que lhe fizesse relatórios. Deu-lhes uma expressão para decorarem — Não é uma questão de tempo, é uma questão de dinheiro —, e queria que a repetissem mil vezes por dia, o mais depressa que conseguissem.

O que significa?, perguntou ela.

Não tem um significado. O seu significado é desconhecido.

Uma das mulheres era mentalmente desequilibrada, propensa a períodos de silêncio a seguir aos quais dizia que a polícia lhe fizera um aborto forçado em Guangxi.

Quando o tempo arrefeceu, algumas delas passaram a dormir juntas. Agachavam-se à frente do aquecedor, com as roupas molhadas penduradas no duche, todas doentes, a tossir e a cuspir para o caixote de lixo.

Na televisão, via raparigas a fazerem surfe, a conduzirem camiões, a praticarem boxe e a correrem maratonas ao sol. Quando as entregas chegavam, corria lá para fora e carregava as sacas de arroz ao ombro. As mulheres reprovavam, dizendo-lhe para deixar que os homens o fizessem, o cozinheiro e o seu primo. Não dê graxa ao patrão. Zou Lei disse-lhes que lhe sabia bem mexer as pernas. À noite, fazia abdominais. Tirava um jornal da carrinha e lia os classificados com anúncios de trabalho noutros estados.

Partiu para Riverhead e trabalhou lá o resto do inverno, vivendo em La Quinta com um grupo de mulheres que falavam três luzes e mandarim rural. Tinham uma placa de indução que partilhavam.

A América é um bom país, disse uma mulher mais velha. Atravessámos o oceano num barco de pesca. A polícia do oceano apanhou-nos e fechou-nos numa ilha perto de São Francisco. Quase morri na viagem e foi o que me salvou. Foi uma sorte. As outras foram obrigadas a voltar para casa, trinta pessoas, mas eu não. O meu primo entregou a minha candidatura a asilo político. Algumas destas outras irmãs já tinham sido deportadas uma vez. Agora voltam, uma vez passa a ser duas, duas vezes passam a ser três. Elas vão para a península do Iucatão, atravessam a fronteira no Arizona. Isso é difícil, claro. É o deserto, não é para nós, gente do rio. A língua da minha aldeia é erva-d'água. Estamos a cinquenta quilómetros do Velho Campo e eles não percebem uma palavra do que dizemos.

Ela passou um ano em Archer e seis meses em Riverhead. A época da gripe suína tinha chegado ao fim, e as notícias do mundo falavam da guerra contra o terrorismo e da dificuldade de conseguir um visto permanente. Ela virou a página e viu uma fotografia a preto e branco de um prisioneiro nu deitado no chão com um saco de areia na cabeça. Virou novamente a página, a estudar as palavras: construção, costureira, restaurante, beleza, pagamento conforme a capacidade demonstrada.

Foi para Nanuet e recebeu uma nova camisa com uma insígnia e uma nova pala. As mulheres viviam num atrelado assente em blocos de cimento que, por sua vez, assentavam em agulhas de pinheiro e penduravam a roupa lavada numa corda. No dia livre, ela foi a pé até ao centro comercial, atravessando a correr a autoestrada e saltando a divisória central, e olhou pelo vidro da montra para os ténis feitos na China.

O patrão usava uma pulseira de jade e conduzia uma carrinha Chevrolet Astro suja. Mandou Zou Lei lavá-la na parte de trás, onde ficavam o cais de carga e os contentores de lixo, uma cerca e depois o bosque. Ela deixou a torneira aberta, olhando para lá dos contentores, e imaginou-se a correr pela floresta.

No ano seguinte, noutra estado, ela estava num quarto de motel com oito mulheres que falavam em código, mesmo no seu próprio dialeto. Quando lhes perguntou de que aldeia tinham vindo, uma delas disse: Árvore de Canela. As outras viraram-se contra a mulher que tinha falado, dizendo: O que é que estás a fazer, a contar segredos a uma estranha?

Tinham uma irmã mais velha chamada Sophia, que decidia quando podiam ver televisão. Não estavam autorizadas a abrir a porta quando alguém batia, a menos que Sophia estivesse lá e permitisse.

Zou Lei acabou por perceber que, no calão em rima das mulheres, veleiro significava o dinheiro que enviavam para a China. Um grito era um telefone, um corvo era um imigrante ilegal, e Andy era a polícia.

Apareceu um homem de óculos espelhados e com um dragão no pulso, que lhes trouxe um pacote de pensos higiénicos. O patrão adorava música, disse ele. Everything I do, I do it for you. Conheces a canção?

Uma vez, quando Sophia não estava, Zou Lei deixou a empregada da limpeza entrar no quarto e perguntou-lhe de onde era e como era o seu trabalho.

Honduras, disse a empregada, com uma cruz tatuada na mão. Tinham mais ou menos a mesma idade.

Zou Lei correu para a casa de banho e regressou carregada de toalhas molhadas que pôs no cesto. A rapariga das Honduras sorriu e disse gracias.

E tu trabalho, o trabalho dinheiro?, perguntou Zou Lei.

Não, não muito dinheiro. Poquito dinheiro. Tu tens documentos de trabalho?

Zou Lei disse, Adivinha. Achas?

Não. Ambas se riram.

Maria ensinou-a a dar apertos de mão. Zou Lei mostrou-lhe o anúncio no Sing Tao onde diziam que se podia comprar um número de segurança social.

Batendo a uma porta de aço, arranjou um trabalho oito horas por dia a meter discos de embraiagem em caixas de cartão, o máximo de dinheiro que já tinha recebido: nove dólares por hora menos impostos. À hora de almoço, comia arroz e peru de um tupperware, enquanto as americanas, com as suas golos postiças e lenços na cabeça, faziam fila junto à carrinha da comida. Ela levava sempre consigo todo o dinheiro que tinha, preso à cintura, ao telemóvel, ao bilhete de identidade falso, às coisas que não podia perder.

Um dia, em meados do outono, entrou numa loja de vinhos e foi apanhada quando estava a sair.

Relaxa. Tens alguma coisa nos bolsos? Alguma coisa afiada? Está tudo bem. Relaxa. Um tipo espanhol com uma camisa de futebol americano levantou-lhe os braços, olhando para trás dela enquanto lhe virava os bolsos do avesso. Soltou-lhe a bolsa que usava presa à cintura e entregou-a a um tipo que tinha uma pistola semioculta pela camisola. Ela tinha acabado de descontar o cheque na loja e seguiu a bolsa com o olhar. Precisas de um tradutor? Consigo sentir o teu coração a bater aí dentro. Cálmate. Tranquila, está bem? Falas espanhol? Que és tu, chinita? Chinesa?

Porque é que não corri?

Apalparam-lhe a roupa e tiraram-lhe o dinheiro, puseram-lhe umas algemas de plástico e enfiaram-na numa carrinha com uma prisioneira

de El Salvador. Demorou a tarde toda. Então, mama, és tímida? Tinham prisioneiros fujianeses, cambojanos, guatemaltecos. Ela foi levada para um tanque de vidro com um banco de aço inoxidável e piso de cimento sob luzes fluorescentes, e outras raparigas foram entrando e saindo durante toda a noite, até que a mudaram de sítio. Ela massajou as marcas que as algemas lhe tinham feito nos pulsos.

Uma rapariga branca com rímel a escorrer-lhe pelas bochechas disse, Acho bem que estes gajos me deixem sair daqui para o aniversário do meu filho.

A meio da noite, mandaram-na sair. Através do reflexo no vidro, viu alguém a olhar para ela, um americano de bigode. O intercomunicador falou. Sim, tu. Levanta-te. Ela fez o que lhe foi ordenado. A porta abriu-se. Ele acenou-lhe com um dedo a chamá-la. Ela saiu do tanque. Os corredores da prisão eram escuros, e não sabia o que eles estavam a fazer. Não havia ninguém, exceto o delegado e, ao fundo do corredor, uma figura de cabeça baixa que esfregava o chão com uma paciência estranha e abnegada, como se não estivesse ali, e ela percebeu que se tratava de um preso.

Tira um. O delegado apontou para um cesto de roupa cheio de macacões cor de laranja esgaçados. Ela teve de lhe perguntar onde podia mudar de roupa antes que ele lhe mostrasse. Trancou-se na casa de banho e, por instantes, ficou sozinha com o lavatório, o espelho, a sanita de louça e os azulejos. Em cima da secretária dele, um rádio passava um anúncio de automóveis. Ela apressou-se a despir as calças de ganga, evitando o espelho, vestiu o macacão, descobriu que não tinha mangas, fechou o fecho-éclair e saiu a correr, com os braços mais frios do que o resto do corpo, estendendo as calças de ganga para o delegado, como se fossem um presente. Ele pegou-lhes.

Depois agarrou-lhe no cotovelo e levou-a mais para o interior do edifício, com o peso do corpo a comprimir os sapatos contra o chão encerado, e com os calcanhares dos sapatos de duche dela a baterem apressadamente no chão ao lado dele. Viraram outra esquina. Ela já não conseguia ouvir o rádio. Não havia luzes e sentia-se um cheiro animal. Chegaram a uma grande janela preta, e o delegado parou. Destrancou uma porta. No interior havia um grande quarto escuro.

Ele agarrou-a pelo cotovelo e pô-la lá. Parecia-lhe um pavilhão de basquetebol. Ela mal conseguiu distinguir as celas numeradas do outro lado do piso de cimento. Virou-se para perguntar o que esperavam que fizesse. Aquela. Dezassete, disse ele, fechando-a lá dentro. Ela ouviu-o a sair. Com o cobertor nos braços, pestanejou, identificou o seu número e começou a dirigir-se para lá. Por cima dela havia um segundo nível. Dentro da sua minúscula cela numerada, atrás de uma pesada porta de madeira pintada com tinta à prova de água, ela sentiu uma forma de aço. Era um beliche. Deitou-se. Os olhos adaptaram-se. Viu os grafitos nos blocos de cimento. Levantou-se e fechou a porta. Não trancava. Ficou ali deitada, à escuta, de olhos fechados.

Eu vou conseguir suportar isto, disse quando as luzes se acenderam e viu onde estava: a tal coisa de aço na parede era a sanita. Na China, as condições teriam sido piores.

Saiu da cela e viu as outras a saírem, gordas, de cara inchada, hostis, cobertas de acne, com as cabeleiras afros espetadas, ocupando a mesa de piquenique montada no centro da sala, reunindo-se junto à escada, a deambularem até à janela de vidro e a voltarem para trás. Brincavam com o cabelo umas das outras. Uma rapariga negra deu um peido e perguntou, Ouviste? Havia mulheres do campo com sangue índio e com crucifixos nas mãos unidas. Era óbvio quem fora apanhado numa rusga da imigração. Era óbvio quem ela era. Agachou-se, sozinha, como faziam todos os migrantes.

O delegado aproximou-se e deixou entrar um preso de confiança com um carrinho de comida. Toda a gente se levantou. Ela afastou-se e deixou as negras e as americanas irem primeiro. Quando recebeu o seu tabuleiro, levou-o para a cela e comeu a sandes de salame e queijo, com o olhar resolutamente desviado da sanita.

Passou o dia a andar para trás e para diante em direção à janela da sala grande, mantendo-se junto à parede até que as luzes se apagaram.

Estava lá há dois ou três dias, quando percebeu que não sabia se eram dois ou três. Podia ser qualquer uma das hipóteses ou até ser mais. Tentou contar os dias, mas não tinha como os distinguir. Não havia relógios. Por momentos, pensou em fazer um calendário, mas não tinha

nada com que escrever. Só havia elas, ela e as outras mulheres, na sala ruidosa, suja e selada.

Tentou perguntar a uma mulher, uma mulher branca com o nariz partido, Nunca nos deixam ver televisão aqui?

Televisão? Oh, sim, claro que temos. Está ali ao pé do jacúzi.

O que havia era um telefone público junto à janela. Tinha o número de um agente de fianças colado com fita-cola e com o indicativo 0800. Ela já tinha visto pessoas a fazerem telefonemas dali. Silvio, disse uma voz quando introduziu o número e a linha emitiu um estalido. Ela esforçou-se para lhe dizer quem era. Ele perguntou-lhe de onde estava a ligar, e ela nem sequer o sabia. Bem, não havia problema, ele podia fazer uns telefonemas. Só podia ser um de dois lugares se tinha sido apanhada em Bridgeport. Sabe do que é acusada? Não? Pelo que me diz, pode ser uma coisa que agora há, em que, se entrou no país sem ser detetada, não tem direito a fiança. É a Lei Patriótica. Repetiu para ter a certeza de que ela entendia. Sim, ela assentiu. Eu sei.

Tem alguém que possa pagar a sua fiança?

Não, respondeu ela. Sou só eu neste país. Eu vou trabalhar para si quando sair, se me tirar daqui, explicou com dificuldade. Sou honesta. Pago tudo. Disse isto para o telefone, que apertava com força, com a cabeça um pouco inclinada.

Oh, disse ele. Não duvido. Mas, se é assim, é possível que eu não possa fazer nada.

Ela ouviu.

É assim que as coisas são.

Ele tinha de ir.

Para manter o ânimo, ela voltou a andar para um lado e para o outro ao longo da parede e distraía-se contando os quilómetros.

Começou a fazer agachamentos com passo em frente a cada três passos, contando mentalmente. Ouviu gritos, mas achou que não lhe eram dirigidos. Surpreendeu-se quando alguém se levantou da mesa de piquenique e se aproximou dela. Contornou a pessoa. Ela seguiu-a, falando ainda mais alto. Agora estava mesmo a gritar e toda a gente olhava. Gritavam-lhe que parasse. Que não fizesse aquilo ali. Não estou a brincar contigo. Ela parou de fazer os agachamentos.

A gritaria parou. Ouvia-se a respiração ruidosa da pessoa que estivera a gritar com ela.

Cabras de merda, a fingir que não falam inglês.

Algo a perturbou, e afastou essa ideia da mente. Ninguém lhe disse nada. Não havia advogados. Então, certa noite, sonhou que o pai vinha à prisão, baixo, moreno, musculado, de uniforme, e não dizia nada. Os americanos cediam à sua vontade. Ele separava-a das outras, e eles tinham de a deixar ir. O sonho regressou numa segunda versão na qual ele cometera um erro terrível ao entrar na prisão e agora não podia sair. Ela sentou-se no beliche, incerta.

Observou uma mulher que era libertada a afastar-se do outro lado da janela, a pavonear-se com um braço estendido, a seguir o delegado para a parte da frente do edifício, onde lhe seriam devolvidas as roupas para depois ser largada na rua invernosa.

Zou Lei comeu uma sandes de salame e fez agachamentos na cela, ao lado da sanita.

Foram alinhadas para serem vistas por uma assistente social, que lhe perguntou se tinha doenças sexualmente transmissíveis. O conceito foi-lhe explicado. Ela pensou que se referia à sida. Não, respondeu.

Está grávida?

Ela abanou a cabeça.

Sabe que dia é hoje?

Ela abanou a cabeça.

Terça-feira. Fala inglês?

Ela disse que sim e depois que não com a cabeça.

Está ligada a algum gangue?

Ela não sabia. Não.

Disse que queria saber se ia falar com um advogado. Ninguém lhe dissera do que estava a ser acusada nem com base em quê a detinham. Quando tentou perguntar o que lhe ia acontecer, um delegado ordenou-lhe que se afastasse e voltasse para o seu lado da sala.

As latinas tinham um gangue de autoproteção a que chamavam Niñas Malas. E tu és o quê?, queriam saber as mulheres brancas com o seu cabelo fino. Alguém disse Alcaida. Sou chinesa, respondeu Zou Lei.

Molhou o cabelo no lavatório e amarrou-o num rabo de cavalo para mudar a aparência.

Não gostava de fazer exercício na cela. Quando estava sozinha, a mente virava-se-lhe do avesso, como um envelope. Divagava e regressava para descobrir que tinham passado horas. Uma vez, a mente vagueou até à fábrica de discos de embraiagem onde tinha trabalhado, e viu e ouviu-os a trabalharem e a falarem disto e daquilo. Diziam: Lembras-te daquela rapariga? O que foi feito dela? E sabia que estavam a falar dela. Na sua mente estava um dia de céu azul, e ela sentia o cheiro do asfalto e do campo e da carrinha da comida.

Algumas raparigas latinas perguntaram-lhe: Estás com ela? Oi, oi, tu, 'tás com ela? E, em vez de as ignorar, ela fitou-as e respondeu, Eu não está com nada. Fingiu que não as tinha visto, mas tinha medo. O medo ia e vinha como um sinal de rádio. Quando se desvaneceu, voltou a sentir-se maldisposta. Pegou no telefone, ouviu o som de chamada e voltou a pousá-lo, olhou pela janela e esperou que alguém passasse. A indisposição tinha origem nesta sala selada. Não aguento mais, pensou. De tempos a tempos passavam delegados, com os seus uniformes verdes. Às vezes, um preso de confiança passava por lá, com uma certa expressão no rosto com barbicha, porque uma das presas saltava da mesa e corria para o vidro, batendo e fazendo sinais para ele.

Os olhos doíam-lhe da solidão. Quando os fechava, as lágrimas alastravam-lhe pelo rosto.

No final desse dia artificial, ela estava de pé junto das outras, que conversavam ao pé da escada, reunidas em volta de uma jovem muito composta que enfatizava o que dizia batendo com o punho fechado na palma da outra mão. Zou Lei aproximou-se o máximo que conseguiu e tentou ouvir. A rapariga dizia que tinha recebido trinta anos de pena por assalto à mão armada.

Ele tinha a arma, e eu estava com ele.

Estava era a ver se se livrava de ti.

A sério. Ele está a cumprir perpétua.

Tu fica aqui?, perguntou Zou Lei.

As outras olharam para ela, depois para a ladra à mão armada para ver o que respondia.

Se eu fico aqui? Não, vou para a prisão estatal.

Depois de um minuto, a mulher, como um adulto que se aborrece com as crianças, desceu do degrau onde estava sentada e afastou-se das outras. Zou Lei aproximou-se dela e fez a pergunta que estava à espera de poder fazer.

Deportar-te, respondeu a mulher. Não sei. Podem enfiar-te em Uncasville.

Foi esta a resposta que Zou Lei finalmente recebeu: Ninguém sabe o que vai acontecer contigo.

Bem, que pena era provável que enfrentasse?

Provavelmente estamos a falar de um ano. Zou Lei tem uma expressão concentrada quando ouve aquilo. Um ano, e depois? Um ano e depois decidem o que fazer contigo.

OK, disse ela. E o que fazem comigo?

A questão é essa. Podem fazer o que quiserem, por causa da tua situação.

Posso ficar aqui toda a vida?

Uma boa parte dela. Vê o caso da Gitmo.

Mas havia mais, segundo ficou a saber. Aquilo era apenas o começo. Qualquer delegado podia pegar-lhe por um braço e levá-la a dar um longo passeio pela prisão, até ao outro lado. Podia levá-la a uma lavandaria cheia de homens presos e dizer: Aqui está a vossa nova ajudante. E que tal se eu a deixar aqui? Esperaria tempo suficiente para o teu sangue gelar. Estava a brincar. Borraste-te? Não queres verificar? E iria levar-te de volta para a ala feminina. Pelo caminho, diria, Aposto que agora já tens vontade de te portar melhor. Podia trancar-te na casa de banho e só te tirar de lá muito mais tarde. Se desses luta, ele tinha autorização para te tratar como um homem, para te derrubar, encostar a tua cabeça ao chão, eletrocutar-te o traseiro com um taser enquanto gatinhavas para longe, arrastar-te dali para fora por uma perna, enquanto gritavas, sob a vigilância das câmaras que registavam tudo isto a preto e branco, prender-te na Cadeira, com um saco na cabeça e deixar-te lá durante doze horas, enquanto imploravas por água. E podia contar as doze horas como bem entendesse. Serias vista por uma assistente social,

que olharia para os teus olhos negros como ameixas e perguntaria, Porque é que estavas a lutar com os funcionários? E escreveria antis-social no seu formulário. Somariam tempo à tua sentença, quando finalmente a recebesses, para se servirem de mais uma fatia da tua vida. Bastava-te dar motivo para isso a alguém. Iriam violar-te se não te comportasses de determinada forma, e mesmo assim podiam apanhar-te em qualquer altura, deixar-te por engano na lavandaria. Faziam-no às pequenas índias mestiças dos gangues mexicanos. Se chorasses muito depois, davam-te trazodona. Depois levavam-te para o piso superior, amarravam-te a uma cama dobrável e deixavam-te num corredor.

Qualquer pessoa que para aqui tivesse sido trazida por uma rusga da imigração estava a violar a Lei Patriótica. As coisas tornavam-se realmente interessantes com as suspeitas de terrorismo. Havia uma cela no piso superior de onde nunca ninguém saía. Ou será que ela não ainda tinha notado?

Mostraram-lhe o que se passava no nível superior, na cela de onde nunca ninguém saía. Havia um projeto em que andavam a trabalhar. Era uma mulher deitada num beliche. Os delegados entregaram-na a nós. Nós cuidamos dela. Logo depois do 11 de Setembro, eles puseram-na numa cela com quinze homens. Ela era mesmo da Alcaida. Não sei como é que eles conseguiram pô-lo de pé, de tão horrorosa que ela é. Olha para ela. É velha. Zou Lei olhou para a mulher. Não conseguia perceber se ela respirava. Disseram-lhe que era libanesa, que tinha filhos. O marido fora mandado de New Haven para a Síria, para ser interrogado. Havia fezes secas nas paredes. Os pés da mulher estavam pretos, tinha o rosto coberto por cabelo emaranhado, a ficar grisalho, a ficar branco. Elas atiravam-lhe papel higiénico molhado. Atiravam-lhe tampões usados. Uma rapariga negra gritou-lhe. Ai. Cheiras tão mall, e correu dali para fora a rir-se.

A mulher não falava nem se mexia. As americanas tinham-lhe destapado a cabeça, e ela estava deitada com as mãos agarradas ao rosto.

Zou Lei quis sair dali.

Estás com medo?, perguntou uma presa. Não te culpo.

*

ATTICUS LISH

No Noroeste, ela costumava ver homens deitados à sombra dos rebentos das árvores, na rua medieval da cidade do deserto onde cresceu, com a cúpula da mesquita visível acima das casas feitas de tijolos de barro. Os homens estavam deitados na pedra, de cara para baixo contra o passeio, com o rosto queimado pelo sol, de solidéu ainda na cabeça, por vezes com as sandálias caídas e espalhadas a alguns metros de distância. A rua onde estavam deitados subia para a mesquita, e, quando era pequena e ainda não sabia o que era a heroína, ela pensava que se tinham cansado a meio da subida para a mesquita e parado para dormir.

Que Deus esteja contigo, disse à mulher.

Se uma pessoa se virasse e olhasse para baixo, a partir do cimo da colina junto à mesquita, veria os limites da cidade, as últimas pedras da muralha, e depois o cascalho no chão e a areia vermelha, e o deserto que descia para longe. A terra afastava-se rapidamente dos nossos pés e abria-se para a vasta distância, para as montanhas cobertas de neve no horizonte. Uma pessoa sentia um grande desejo de se lançar para aquela distância e voar em direção às montanhas, com os seus contornos nítidos contra o ar limpo.

Até à chamada para a oração à noite, vinda da mesquita, a única coisa que se ouvia era o vento do deserto. Tudo estava em silêncio nos pomares. Uma carroça passou por ali, clop clop clop, com um velho de pele morena sentado na parte da frente com um chicote na mão, levando na parte de trás melões, pêssegos ou as filhas. Em algumas partes da cidade, ouvia-se o martelar dos funileiros, e, se descêssemos pelo lado oeste dos pomares, havia barracões de pedra com uma fogueira acesa e um rapaz em tronco nu e de solidéu branco a apertar um fole, uma rapaz que olhava e sorria, com o rosto preto do fumo.

A mãe dela apanhava melancias no pomar, junto a uma vala perto de uma extensão de estrada parcialmente construída. O silêncio era tal, que se conseguiam ouvir as moscas, o baque de um melão a cair e a rolar dentro da carroça, o ranger da carroça quando o burro de orelhas compridas se agitava. As mulheres trabalhavam enfeitadas com brincos, de saia e com lenços floridos na cabeça. Ao meio-dia, rezavam em cima de um tapete. Trabalhavam devagar, debaixo do calor do imenso deserto seco, e o suor evaporava-se de imediato. Aproximavam-se da torneira na parede de barro, bebiam da caneca de metal e ouviam-se os risos delas enquanto bebiam juntas.

A cidade ficava numa estrada que vinha do deserto e seguia em direção a oeste. Chegavam camiões de Aksu e regressavam com peles de ovelha. Ela lembrou-se do cheiro dos animais e do esterco e da lenha, toda a gente a pôr à beira da estrada tudo o que tinha para vender, as sandálias de plástico cor de rosa que a mãe lhe comprara, os pés sujos. Jogar futebol na terra barrenta atrás do terminal de autocarros.

Quando os camiões chegavam, ela corria para a berma para ver quem era. Um dia seria ele, ela sabia: esperava e rezava. Era o que a mãe lhe dissera. Se Deus quisesse. Às vezes havia ovelhas vivas num camião de caixa aberta com reboque azul. Às vezes, um soldado ou um mongol, com calças esfarrapadas obtidas dos excedentes do Exército ou de calças à boca de sino, descendo e agachando-se na meia sombra, comendo kawap de borrego, enquanto Zou Lei se mantinha por perto, a observar.

Veio de longe?

Um homem crescido que a ignorava, de olhos semicerrados. Às vezes grunhia e erguia o queixo gorduroso, a olhar para longe. Abanava a cabeça. Assentia. Afastava as moscas ou ignorava-as. O sol refletia-se nas casas de barro à beira da estrada, a única coisa construída pelas pessoas, e em volta havia apenas a enorme vastidão.

O Noroeste era um território de tribos de pastores nómadas que não reconheciam as fronteiras entre nações. Vendiam ovelhas e cavalos e falavam as línguas uns dos outros. Cultivavam os seus frutos nos vinhedos. A palavra que significava homem era Adão. Maçã era alma. Seda, yurt, camelo e khan pronunciavam-se da mesma forma em usbeque e em uigure. Vinham mulheres tibetanas a pé de Qinghai, trazendo cobertores e objetos de prata para vender, usando chapéus de cowboy pretos e facas com bainha. Não deixavam que ninguém lhes tocasse. Os antepassados mortos da mãe dela estavam enterrados na Sibéria.

As músicas eram as mesmas. As raparigas cantavam-nas virando-se, olhando por cima do ombro, com moedas em volta da cabeça.

O sol refletia-se na terra dourada, nas montanhas cobertas de neve — o Afeganistão no ar radiante — sem nuvens — a música dos carneiros — um puro azul maravilhoso a cobrir aquela parte da terra. O Deus da mãe

lá em cima, a fazer os rios correrem dos cumes nevados e a tornar verdes os pastos e vinhedos: os cavalos cazaques a pastarem!

Em Gulja, a arquitetura russa era europeia, com colunas brancas, como um palácio em França, e depois, por cima das copas das coníferas, via-se a cúpula ardente da mesquita. O povo da mãe viera das estepes, antes de serem coletivizadas pelos chineses vindos de leste.

Os Chineses fecharam a fronteira. Alcatroaram a estrada e afixaram faixas vermelhas e cartazes para o bem de todos. Estabeleceram plantações de algodão na província de Altai. Os nómadas foram obrigados a reduzir o seu comércio. Agora eram camponeses, segundo os Chineses, que os empregaram na apanha do algodão. Tudo era feito para o bem deles. Somos todos uma família. Para provar que era verdade, deram às raparigas nómadas a possibilidade de receberem cem dólares se se divorciassem dos maridos e se casassem com homens chineses. Os novos altifalantes pendurados nos edifícios medievais nas cidades do deserto anunciaram que somos muito felizes. Serão emitidos cartões de racionamento. O separatismo é um crime grave.

Um comboio de veículos atravessou o deserto. No centro do comboio ia um enorme atrelado de caixa aberta que transportava uma secção de tubo para o oleoduto. Os outros veículos estavam camuflados e levavam soldados sentados na parte de trás. O comboio avançava a grande velocidade, levantando uma coluna de pó, atravessando uma povoação sem abrandar. As pessoas que vendiam pão e água à beira da estrada desviaram-se. Zou Lei, que tinha cinco anos, abriu a boca, disse oh e avançou, procurando os soldados enquanto passavam, observando-os enquanto aceleravam para longe, sentados na parte de trás dos camiões com os seus capacetes de aço.

Uma rapariga mais velha correu e afastou Zou Lei da beira da estrada, e segurou-a até o comboio ter passado e a poeira que tinha levantado por cima delas ter assentado. Então, pegou-lhe na mão e levou-a até uma das casas de adobe com telhado de madeira queimada pelo sol do deserto.

Ela estava a brincar demasiado perto da estrada, e eu repreendi-a. Um grande camião aproximou-se.

Eu ouvi-o, disse a mãe de Zou Lei. Estava de pé junto a uma mesa à entrada, metade do corpo ao sol, a fazer lachman. O sol iluminava metade da mesa. Ela estava a amassar a massa, molhando-a com água de uma bacia de plástico azul.

Era o maior camião que já vi. E ela queria ser esmagada.

O quê?

Ela queria entrar nele. Estava a correr e, se eu não a tivesse agarrado, teria corrido na direção dele.

A mãe de Zou Lei olhou para a filha.

O que é que tu fizeste?, perguntou a Zou Lei. À rapariga, perguntou, Deste-lhe uma bofetada?

Dei-lhe uma palmada na perna.

Dá-lhe uma por mim agora, enquanto eu vejo. Mas não na cabeça, só na perna.

A rapariga bateu na perna das calças cor de laranja desbotadas de Zou Lei.

Tens de lhe dar com mais força. Isso não faz nada.

A rapariga bateu com força no traseiro de Zou Lei, e a pequena deu dois passos em frente e encostou a mão à zona da pancada para se proteger.

Não voltes a fazer isso!, disse a rapariga.

Ouve bem!, disse a mãe.

Eu digo-lhe que o pai está na estepe com o Exército. Não está no camião. Se ele estivesse no camião, teria descido. Mesmo que estivesse a trabalhar, pediria ao oficial que lhe desse licença para visitar a família. Se não pudessem dar-lhe licença, ao menos acenaria, para poderes vê-lo. Ao menos isso haveriam de o deixar fazer no Exército, acenar.

A mãe molhou as mãos e começou a formar um tubo com a massa.

Faz um jogo com ela, sim? Ou canta alguma coisa. Já sabes cantar alguma coisa?

Não sei cantar, mas sei um pouco de dança, disse a rapariga.

A pequena fez movimentos com as mãos, unindo as pontas dos dedos, girando os pulsos, ondulando as mãos.

É tudo o que sei.

Tentou ensinar Zou Lei, que não quis aprender.

Finge que sou um lobo, disse Zou Lei.

À tarde, quando a rapariga se foi embora e a mãe de Zou Lei descansava nos tapetes, ficaram as duas sozinhas na casa, enquanto a massa cozia. Zou Lei gatinhou para junto da mãe e brincou com o cabelo dela. A mãe enxotou uma mosca. Durante algum tempo, fizeram jogos inventados em que davam as mãos, e a mãe perguntava, Onde está o pão e o sal? Estão nas montanhas. Estão no rio. Estão no pasto com os cavalos.

A luz ficou cor de laranja dourada, e o calor abrandou. Outro camião passou a acelerar na estrada, e ambas o ouviram. A mãe tirou a massa para fora, para a deixar arrefecer antes de a comerem com um pimento verde e uma cebola.

As sombras abateram-se sobre elas, e via-se o céu através das falhas do telhado de madeira. À entrada, o sol estava a pôr-se nas montanhas, e os seus raios desciam em linha reta na direção dos olhos delas, atravessando as sombras azuladas da bacia do deserto.

Só tínhamos sopa quando eu trabalhava na apanha do algodão, disse a mãe. Foi antes de te ter. Tu ainda andavas na saca de algodão do teu pai. Ele perguntou se eu gostaria de te ter. Eu disse que sim, e ele deu-te a mim. Anda cá, come um pouco disto — a mãe tinha pêssegos que apanhara à beira da estrada —, vamos limpá-lo. Não comas areia. Senta-te aqui. Ele vai regressar depressa, se Deus quiser. Agora, deixa-me dizer-te uma coisa boa. Deixa-me dizer-te porque é que deves ser feliz. Queres ouvir? Então, ouve.

Sabias que há um lugar que é melhor do que todos os outros? Está bem, vou falar-te um pouco dele. Primeiro, fica lá fora, para lá dos bandidos e dos lobos. É muito longe, pelo menos uns bons três meses a cavalo. Os oficiais não falam a ninguém deste lugar, porque o querem só para eles. Ainda assim, as pessoas sabem que está lá. Olha, lá todos vivem muito alegres. Passam a vida a comer e a cantar, porque não haveriam de estar alegres? Ninguém tem falta de nada. Todos têm tudo aquilo de que precisam. Todos têm sapatos, roupas e um bom solidéu. É um lugar abençoado por Deus num vale verdejante protegido por montanhas e rios. Os rebanhos pastam, e as uvas crescem nas vinhas, e, no verão, as pessoas cavalgam até à floresta de larícios, onde está fresco. Caçam tanto quanto querem e depois voltam a descer para onde o sol brilha na relva verde. Basta estenderes as mãos, para os teus braços se encherem de amoras.

O ar está cheio da música doce dos tentilhões nas árvores. Todos recebem iogurte, natas, leite, pão e carne: tanto quanto o coração desejar. O fogo canta, e a gordura frita e as tampas caem das panelas. Nesse lugar, assar uma cabra inteira não é nada de especial. Não é preciso ser rico. Se alguém o quer, é seu. Basta-lhes dizer quero o pão!, e o pão salta imediatamente do forno. É assim que se come nesta terra.

As mulheres são tão belas como o sol e a lua, como diz o ditado: faces vermelhas como maçãs e testa branca como o leite. De braços dados, irmãs e primas vão colher flores, enquanto os homens as olham com desejo, ouvindo-as rirem-se como rouxinóis. Os homens não conseguem evitar cantar para elas, cortejá-las. Se uma rapariga deixar cair o pente, vinte homens lutam para o apanharem. Se ela boceja, os homens fazem sombra para ela e chamam o vento para a arrefecer, dizendo: Aqui, Brisa, sopra! Pois, isso está muito bem, mas quem vai descascar batatas para o jantar da minha mãe, enquanto eu estou aqui deitada?, diz ela, e os homens atropelam-se para descascar as batatas.

Enquanto todos comem e se divertem, há música e dança e cantoria a animar toda a gente. Durante todo o dia, os homens fazem competições de equitação, de corrida e de luta. Qualquer um dos homens poderia ser um príncipe, tal é a sua aparência e coragem. Cavalgam para lá e para cá na estepe, fazendo ruidosas ultrapassagens umas a seguir às outras, e, sempre que eles passam, as pessoas levantam-se e urram a uma só voz. A estepe está repleta de vivas. Tens de imaginar esse som estrondoso a vir de milhares de nós ao mesmo tempo, de ouvir a forma como ecoa pelo mundo. Faz as papoilas vermelhas e amarelas florescerem em toda a parte nas encostas das montanhas verdes e faz os rios derreterem de admiração e descerem dos cumes nevados.

Se um oficial exigir impostos, dizes-lhe que pagas na semana que vem! E ele aceita a resposta e anota-a no seu caderno. Se não o fizer, mostras-lhe um fio de cabelo na tua cabeça e dizes, Nem isto te darei! E ele partirá, sabendo que encontrou um rival à altura. Os portões da prisão estão abertos de par em par, e os presos saem a cantar e a agradecer e voltam para as suas famílias.

A mãe de Zou Lei tocou-lhe no rosto às escuras.

Estás acordada?

Estava. Conseguiram ver as estrelas pelo telhado, mas não se conseguiam ver uma à outra. À noite, os tapetes desapareciam, a própria superfície em que descansavam. Era fácil imaginar que estavam num precipício e que não era sensato moverem-se até o sol voltar a nascer e trazer de volta a terra. À noite, Zou Lei acordava e descobria a casa vazia, então ouvia um som e via uma faixa do céu noturno a aparecer e a mãe a voltar, depois de ter ido para a estrada por ter pensado que ouvira um caminhão a parar.

Ela contou a Zou Lei uma história sobre uma rapariga cujo pai fora levado por uma bruxa e que só poderia reencontrar-se com ele se viajasse para oeste. A mãe de Zou Lei agitou-se no seu lugar, a falar com as mãos, a descrever o nariz da bruxa, que era comprido como uma salsicha. No exterior, uma tempestade de areia turvou a escuridão. De manhã, varreriam o tapete, sacudiriam a areia do cabelo, iriam à torneira lavar os pés antes de rezarem no tapete, com as mãos no rosto, os olhos da mãe fechados, os lábios a moverem-se.

A mãe disse-lhe que Clever levou sete sementes de amoreira, uma semente por cada um dos sete desertos que teve de atravessar. Na escuridão, Zou Lei viu os montes de cascalho, os desfiladeiros e grutas, lugares que pareciam a lua, o rio seco, a vegetação rasteira a estender-se até se perder de vista, o deserto dourado. Os bandidos afeiçoaram-se a ela. Havia um deserto de vidro e um de ferro, dizia a mãe, a gesticular. Clever gastou completamente os sapatos. Uma viagem de sete anos. As sementes tinham acabado, já não havia água no cantil de bexiga de ovelha. O deserto de ferro cortava-lhe as solas dos pés até o sangue fresco correr e ferver contra o ferro quente. Mas ela continuou, acreditando em Deus até o sol a cegar. Com a morte a aproximar-se, estendeu a bexiga de ovelha por cima dos joelhos para fazer um tambor e cantou, Agora sou um fantasma. Batucou durante sete dias. Um pássaro desceu do céu muito azul, e a sombra dele cobriu-a. Enquanto cantasse, ele voaria com ela, correndo por cima da estepe sobre pernas de lobo. Chegaram a um rio azul puro, e ela saltou lá para dentro, e quando saiu a sua visão tinha sido restaurada, e ela viu o vale de Fergana.

O pai chegou a casa — ninguém o viu chegar —, ouviram a sua voz à porta e lá estava ele — aquilo não parecia real. Pegou nela e abraçou-a.

A mãe deixou cair a cesta, Oh, Deus! Puxou-o para dentro. Ele cheirava a gasolina. Vou preparar-te comida. Graças a Deus! Ela agarrou-lhe no braço, a limpar os olhos com os dedos sujos e morenos.

Não chores. Não sejas tão carente. Olha! Ele sorriu, tirando do bolso da camisa militar cartões de racionamento e dando-os à mãe dela. Farinha, óleo, batatas: para nós, hã.

Ele arrastou o saco para dentro, e Zou Lei viu o músculo do seu antebraço quando ele o fletiu.

Elas lavaram a roupa dele na vala ao lado do pomar. Zou Lei e a mãe torceram o uniforme verde-escuro para o secar.

A mãe deu-lhe uma faca e uma batata para descascar.

Assim, disse o pai chinês bronzeado, mostrando-lhe como tirar a casca numa espiral ininterrupta. Ele cavou um poço nas traseiras com a pá do Exército e matou uma cabra. Vai pedir uma tigela à mamã. Pendurou a carne seca e roxa atrás da casa: sempre a trabalhar, mesmo quando estava de licença, com um cigarro pendurado nos lábios, o sal a secar-lhe na camisa.

Era verão no Taklamakan. Eles deixavam o chá arrefecer na chaleira durante a noite. Durante o dia, o céu estava limpo, o que ampliava as montanhas ao longe, os cumes nevados que nunca desapareciam. A velocidade da evaporação fazia o deserto parecer menos quente. À tarde, os adultos sentavam-se em banquetas de madeira em frente à porta e bebiam o chá do dia anterior. Um vento surgiu, levantando cortinas de poeira que se moviam pela rua como gigantes de vestido.

Zou Lei correu para casa, abandonando as suas brincadeiras. Está a levantar!

Parece que sim.

O pai pegou na cadeira. Vamos. Entraram, e ela ajudou-o a fechar a porta.

É das fortes!, riu-se a mãe.

A porta bateu, e o pai arrastou a mesa para trás dela, mas ainda assim continuava a bater. A noite ténue e azulada caiu enquanto a tempestade de areia se abatia contra as casas. Acenderam a lanterna e afastaram o jantar do local por onde o vento entrava. A mãe partiu o pão em três pedaços.

Come para não te doerem as mãos.

O pão estava quente. Zou Lei encostou-se ao braço moreno do pai.

No nosso exército, costumamos dizer não sejas lento. O mais lento limpa o tacho.

Tu és lento?, perguntou-lhe a mãe.

Eu? Não. O que achas?

Não sei. Estava a pensar no meu marido a limpar o tacho.

A tua mãe gosta de pensar.

Sim, gosto de pensar. Penso constantemente.

Eu cá não penso tanto.

Oh, serias o primeiro homem a não pensar tanto.

Não, eu simplesmente sigo ordens.

Oh, és o primeiro da tua espécie!

A porta parara de bater. Era mais tarde. A lanterna manteve o seu brilho vermelho através da cortina suspensa. O pai parecia um tigre com o seu cabelo à escovinha e os membros musculados, a falar às duas sobre o seu trabalho. Nas montanhas, era tudo plano e estranho, um lago. O seu regimento acampara no lugar onde o rio Amarelo terminava. Levamos espingardas, mas também levamos pás. O trabalho do oleoduto é como o da indústria mineira, e, embora seja perigoso, trabalhamos com afincos, porque queremos fazer o país avançar. Um cazaque quis dar-lhe o seu cavalo para resolver uma disputa sobre gado, mas o pai, um soldado, não podia aceitar. Estamos aqui para servir o povo. Ele não sabia que é um de nós, mas é. O povo inclui toda a gente. Então, ele trouxe a filha, com um vestido bonito, e todos os rapazes se riram do meu embaraço. Era muito bonita?, perguntou Zou Lei. O pai sentou-a no colo, e ela ouviu a voz dele ecoar-lhe no peito. A mãe estava semideitada ao lado dela, a ouvi-lo, com as flores da saia a confundirem-se com os pássaros do tapete em que se apoiava.

Zou Lei correu com ele — com as sandálias cor de rosa a baterem ruidosamente no chão —, e ele deu meia-volta e correu colina abaixo, determinado a ensiná-la. A terra estendia-se para longe, para lá de onde o autocarro vinha.

O pai equilibrou-se nas barras paralelas, balançando as pernas, esticando-as, fazendo elevações. Desceu. Ela lembrou-se do som das suas botas a aterrarem. Tudo o que ele fazia era correto e simples. Ele sacudiu as mãos e ajudou-a a subir para as barras.

Ela foi erguida. O rosto moreno dele, o corte de cabelo à escovinha, o cheiro dos seus cigarros, o suor seco pelo deserto – um cristal branco de sal no centro do seu peito. Uma das sandálias cor de rosa caiu. Ela olhou para baixo e viu os pés sujos a acenarem-lhe. Não olhes para baixo, disse ele, equilibrando-a. Ela estava assustada, mas conseguiu segurar-se com a ajuda dele. O lenço caiu-lhe da cabeça. Usa os braços. Ele ergueu-a e baixou-a; ela fez uma elevação. Ha!, riu-se ela. Conseguiste. Ele baixou-a. Saltava para não tocar com os pés descalços no betão quente, agarrada ao papá. Ele calçou-lhe a sandália no pezinho sujo. Bom trabalho de soldado, disse ele. Apanhou o lenço dela, que estava caído no chão.

As coisas estão-se a compor, disse ele. Pouco a pouco. As mãos da mãe estavam cobertas de farinha, a fazer pão num forno de barro, que o pai carregara sozinho para a frente da casa.

Melões, pêssegos, maçãs, amêndoas, tâmaras, uigures à sombra, à espera, de trabalho, de água, minaretes a erguerem-se acima dos telhados. Um vento quente atravessou a estrada. Zou Lei semicerrou os olhos. Tinha um saco de plástico com pão. O autocarro chegou, e a nuvem de pó dissipou-se. Mulheres queimadas pelo sol e com lenços na cabeça desceram dele, trazendo nas mãos o seu dinheiro. Quanto é o pão? Zou Lei guardou as frações de dólar no bolso.

Viu as faixas vermelhas serem penduradas de um lado ao outro da rua medieval e o Exército a atravessar e as crianças descalças a voltarem a sair quando eles já tinham passado. Grupos de chineses de óculos e capacetes de proteção e sapatos de plástico pretos posavam no deserto com as mãos atrás das costas, enquanto eram fotografados por outros homens iguais a eles e nada parecidos com o pai dela, fotografias destinadas a provar que tinham estado ali e que tudo fora um êxito.

Os altifalantes diziam, Acabar com o atraso! E depois tocavam uma música triunfante. Ela assistiu a uma discussão por causa de gado. Um homem bateu no vizinho e atirou uma ovelha para dentro de um camião, e as outras ovelhas saltaram atrás dela, a balir. O cheiro de lenha emanou do outro lado da estrada, vindo do kawap de borrego. Ficou com água na boca. Estragou as sandálias a chutar uma bola de futebol, e a mãe bateu-lhe.

A Rússia é para ali, disse o pai, a apontar. Aqueles são os países muçulmanos. Para o outro lado fica a China. Acendeu um cigarro. Os soldados russos são bons, têm equipamento avançado. É para proteger esta fronteira dos russos que aqui estamos. Os muçulmanos têm condições muito atrasadas. Não dão bons soldados, porque são demasiado independentes. A meio da guerra, decidem ir-se embora para cuidar da manada. A América tem o melhor equipamento, é o país mais rico. Na América, um soldado raso tem um carro. Aqui, só o general tem carro. Temos equipamento intermédio, mas não é muito avançado. O que temos é o tamanho da população. As condições vão melhorar lentamente, lentamente. Tudo tem de estar equilibrado para podermos vencer. É como a luta livre. Se eu for demasiado fraco, tu derrubas-me. Se eu for demasiado forte, eu derrubo-me. É preciso estar no meio. A China está no meio, e é como deve ser. Dentro de trinta ou quarenta anos, vamos conseguir vencer a América ou a Rússia.

Os autocarros trouxeram uigures do Oeste, alguns deles de Fergana. Um barbeiro pôs uma cadeira à beira da estrada. Zou Lei observava a navalha aberta a deslizar pela nuca de um homem, tufo de cabelo a caírem, à deriva no passeio de pedra quando a brisa soprava. Os homens estavam sentados em círculo. Erguiam os braços bronzeados e estendiam-lhe as moedas. Vocês são da terra do leite e do mel, dizia ela. Eles usavam solidéus, olhavam para longe, bem barbeados, a comer o pão da mãe dela. Quem te disse isso? Todos nós apanhamos algodão em Fergana. São eles que nos fazem. Agora vai e diz isso à tua mãe.

Até onde consegues correr, pai?, perguntou ela.

Em passo de corrida ou de jogging?, perguntou ele. É diferente.

Bem, até àquelas montanhas.

Não estás a falar de correr mas de até onde consigo chegar a pé, é isso?

Consegues chegar lá? Alguém consegue chegar lá?

Acho que sim. Com determinação, sim. E com água suficiente.

A década chegou ao fim, e de súbito havia multidões nas ruas. Os vizinhos desapareceram. Alani não veio à escola. Como o futebol passou a ser considerado fundamentalista, deixaram de jogar. Atiravam a bola para o cesto de basquetebol. O pai foi mobilizado e deixou-as.

*

Toma isto, disse a mãe, entregando-lhe o pilaf para levar para a parte da frente, onde os clientes comiam.

Nas vielas, os rapazes lutavam uns contra os outros. Tyson!, gritavam. Havia grafitos em árabe gravados nos tijolos de barro. Eu sou o Rambo!

Uma rapariga atirou-lhe pedras. A tua mãe é casada com um comedor de porcos imundo.

Os camionistas chegaram de Gilmet a falar do que tinham visto. Pediram massa fria e cerveja. Um homem de Karamlik abriu a garrafa com os dentes. Ali os contrabandistas eram decapitados. Normalmente era pasta de ópio escondida em fornos de pão. Deste lado, só nos punham no gulag, mais nada. Membros de gangues e separatistas. Imagina o que será não ter autorização para falar durante cinco anos. Já viste os poços de petróleo no deserto? Eu vi-os erguerem um tubo tão grande, que se podia viver lá dentro. Têm o Exército acampado aqui à volta. Têm tudo o que querem. Têm direito às meninas da aldeia. Há uma tenda para elas e um médico para as manter saudáveis.

Ela trouxe-lhes mais cerveja. Uma tempestade de areia abateu-se sobre o local, e eles foram para dentro e sentaram-se nos tapetes. Pediram iogurte, vodca. Chamaram a mãe dela.

Que idade tem ela?

Vai para a cozinha e não saias de lá.

Quando receberam uma notificação do regimento, esperaram ao sol das 11.20 às 14.40, que era o tempo de descanso oficial para os funcionários dos correios, enquanto a mulher chinesa e as suas colegas com chapéus de enfermeira comiam pastéis de massa cozidos e se abanavam com leques, ao mesmo tempo que conversavam atrás de uma janela com grades. A mãe estava sentada no passeio com a cabeça nas mãos. Quando o portão foi levantado, entraram. A mulher com o chapéu de enfermeira disse que a notificação significava que alguém do regimento tinha morrido.

Mas não tem nome, menina. Talvez não seja ele.

Talvez, nada. É o nome de quem tens no regimento, gritou a mulher. Se tens uma pessoa no regimento, é ela.

A mãe começou a gritar.

O aviso tinha de ser carimbado, segundo lhes tinham dito.

Onde posso mandar carimbá-lo?

A mulher tirou-lhe o papel da mão, deu-lhe com o carimbo e ficou com ele.

Porque é que não mo devolve?, gritou a mãe.

O que é que vai fazer com ele?

Mas a mãe bateu nas grades e abanou-as e gritou até a mulher o devolver. Na rua, alguém lhes disse para irem ao escritório tal e tal. Ninguém lhes disse como o pai dela morrerá. Era uma viagem de dezassete horas de autocarro até à capital da província. Ali, descobriram que o aviso era essencial para receber a pensão de viuvez, um pequeno monte de notas cor de rosa com perfis heroicos impressos, alguns de minorias étnicas. A mãe enrolou-as e guardou-as na meia, enquanto Zou Lei baixava a cabeça.

Agora viviam numa grande cidade ocidental, a paragem de camiões tinha desaparecido, falhado, não tinham feito nada com ela, o pai tinha desaparecido. As notas voaram para longe. Ela tinha quinze, dezasseis anos, e tinha fome. Escreveu-lhe. Cortou o cabelo como o dele, para o recordar. Um soldado em tudo o que faço. Acabou-se a escola. Não havia cartões de racionamento, a menos que os comprasse aos miúdos de fato de treino, aos órfãos que vendiam haxixe. Vendeu coisas espalhadas num cobertor. Cassetes. Um chifre manchado do casamento tajuque de alguém. A rua estava iluminada para o mercado poder funcionar depois de anoitecer. Sentia-se o cheiro de um cabrito inteiro assado numa das outras mesas. Havia mais chineses aqui. Gostas de disco? Ela gostava de futebol, sempre que tinha a oportunidade de jogar. O presidente da América era Clinton. Num campo cheio de lixo atrás do mercado, pegou numa faca partida e atirou-a para o mais longe que conseguiu.

Queimada pelo sol, de bochechas vermelhas, com a pele da cara a cair, ela tinha dezassete anos. Estavam todos queimados do sol, a jogar futebol na ponta da Estrada da Libertação, com a poeira a cair-lhe das roupas em segunda mão distribuídas pelo Exército. Tariq tinha a bola, e ela correu para fora descrevendo um arco, como se uma linha muito fina a prendesse aqui. Ele chutou, e ela curvou para ir ao encontro da bola. Ela nunca parava.

Tinha o cotovelo na cara de um rapaz, e os dois lutavam pelo controlo da bola com as pernas, como dois louva-a-deus. O sol forte e purificador surgia daquele inverno. Tudo cheirava a couro, a acidez, a pó de carvão e a estrume. Era o fim da cidade. A muralha tinha quatrocentos anos e para lá dela ficava o deserto.

Havia uma mulher selvagem na pequena sombra debaixo de uma árvore de zimbro, com o bebé no passeio, um rapaz minúsculo e imundo que enfiava os dedos entre as pedras hexagonais degradadas, tentando levantar uma para achar um escorpião.

A estrada começava no meio do nada, vinha do deserto, e fora construída de modo a poder ser percorrida por quatro tanques lado a lado. Agora ela percorria-a, a driblar uma bola. Havia coisas a serem construídas ou desfeitas, e as pedras de que eram feitas estavam amontoadas, blocos de betão enormes com barras de ferro a saírem, um dente extraído da terra, escavações no pó. As bermas da estrada estavam a desmoronar-se. Uma autoestrada erguia-se por cima daquilo e parava no meio do ar. Numa grande vala havia um mar de pneus e um homem a subir por eles, a examinar os rastros.

Os espaços eram amplos e longos e estendiam-se até à parte mais movimentada da cidade junto à estação de comboios, um carnaval de autocarros castanhos onde o túnel terminava, os letreiros em uigure e chinês, migrantes em busca de trabalho, a dormir onde encontrassem sombra. Entre as velhas casas de adobe ficava o edifício da segurança pública e uma prisão feita de azulejo, como uma casa de banho virada do avesso. O sol refletiu-se no pináculo de uma mesquita por cima das obras. A cúpula ficava mais abaixo, mas era possível senti-la, como uma bolha a subir.

Iam deslocar-se novamente, desta vez para o interior, para uma das fábricas que precisavam sempre de migrantes, em Shenzhen. Ser-lhes-ia prometido um subsídio, um incentivo para as mulheres uigures. Dir-lhes-iam que era uma fábrica de sumos de frutas, mas muito pouco seria como o anunciado. A humidade das terras de cultivo de arroz a sul do rio Yangtzé seria a sua primeira suspeita de que tinham cometido um erro. Um calor diferente daquele a que estavam habituadas no deserto. Uma névoa em toda a parte, sem horizonte à vista, os campos a fundirem-se com o céu numa mancha. A fábrica produzia derivados de polietileno

e não tinha equipamentos de segurança, à exceção de máscaras cirúrgicas. Se tentassem levantar a cabeça, os chefes taiwaneses certificar-se-iam de que a voltavam a baixar de imediato. Ele não tinha de lhes pagar. Eram imigrantes ilegais no seu próprio país, como acabavam por descobrir. A China era mesmo grande.

Elas adoeceriam, a sua própria comida deixá-las-ia doentes, bactérias na água, a carne não identificada nas mesas ao longo da estrada, moscas e sangue. Não há imãs no meio rural; havia gripe das aves, malária e esquistossomose. O zumbido no ouvido sempre que adormeciam. Davam chapadas no próprio rosto. O corpo coberto de crostas de coçarem as picadas. A mãe não comia carne de porco. Agachavam-se nas latrinas molhadas da aldeia ao lado de outras raparigas. Pescavam nos lagos imundos. Comiam peixe quando o conseguiam, um agricultor pisava um sargo vivo no chão coberto de lama do autocarro. A mãe teria de ir à boleia numa mota com os braços em volta da cintura do homem do mototáxi. Havia cães no meio da estrada, uma cabra morta caída no monte de lixo onde ela costumava procurar papel e plástico. Às vezes comiam borrego, comiam principalmente couve, cozinhavam com pedaços de carvão redondos que apanhavam, semiqueimados, sempre que os encontravam. Mostarda-castanha e batatas e arroz branco e os ossos de tudo o que não fosse porco.

Da fábrica, onde não suportavam estar fechadas para sua própria proteção, era um pequeno passo para não terem nada, para viverem no campo de manobras militares, a recolher papel e plástico para reciclar. Não teria como pagar para a mãe ir para uma enfermaria. Muitas raparigas tinham ido trabalhar nos bares de karaoke a cantar e a beber com os membros do Partido, mas, às duas da manhã, Zou Lei reunia as garrafas de cerveja no meio de um monte de taças de esferovite a pingar óleo de malagueta e dos pauzinhos descartáveis por baixo dos toldos de plástico e das lâmpadas ainda acesas suspensas por cima da rua não alcatroada, e depois percorria um quilómetro pela estrada enlameada, apenas com uma vaga noção dos muros e cabanas na escuridão, transformados em campos de arroz. Montes onde os agricultores despejavam as suas fezes. O horrível cheiro a merda no meio da escuridão. Parar para pousar o peso, sozinha no caminho de lama que ia dar aos enormes quadrados de água.

Se querias o paraíso, costumavam dizer, talvez não devesse ter vindo para aqui. Há sempre a América, se achas que consegues caminhar até lá. Ela encontrou a mãe no meio da multidão que saía de uma mesquita. Fora para a avenida da Libertação, onde havia camponeses, filhos de nómadas, que puxavam vagões de madeira enormes pelo meio do deserto. Gente do deserto, com dentes de ouro e mãos e rostos com pele dura como couro. Homens com solidéus brancos e casacos de fato escuros que tinham nas mãos pães achatados, dizendo que eram para venda. Havia tinas de tâmaras e nozes, melancias abertas, a mancha escarlate de um cordeiro abatido suspenso, os raios das rodas das carroças a confundirem-se com as pernas das pessoas que atravessavam a praça, cruzando-se e misturando-se, uma centena de travessias. O sol de fim de tarde refletia algo brilhante na beira de uma fonte de mosaicos, um lado para os homens, um lado para as mulheres lavarem os pés. Um par de polícias com cabeças luzidias como focas passou por ali.

A mãe estava a contar-lhe o que o imã dissera no seu sermão. O altifalante disse, Se suspeitar de fundamentalismo, informe os seus chefes. Zou Lei acenou para um grupo de homens e rapazes de fato de treino. Um tinha uma jiboia pendurada ao pescoço, usava óculos de sol e não tinha camisa.

Quem são?

Os filhos da polícia.

Ela viu lâminas de barbear e agulhas hipodérmicas num balde debaixo de uma carroça, onde a mãe comprava maçãs. Zou Lei aproximou-se da cobra e tocou-lhe, a superfície lisa e escamosa a deslizar-lhe sob os dedos.

Não podes pedir as coisas desta vida, disse a mãe.

Voltaram para onde viviam, num quarto fedorento em betão ao lado de uma latrina, deitaram-se na mesma cama e não conseguiram dormir. Ela ia aprender a marchar. Ia praticar no campo.

Acordou a meio da noite. A lâmpada despida estava ligada, e a mãe girava em círculos. Cantava para as mãos, com o cabelo desgrenhado e a balançar para fora, quase tocando na parede. Zou Lei observou a mãe a girar, a ficar tonta e a cambalear. Estou no meu cavalo. Estou nos larícios. Zou Lei tentou levá-la de volta para a cama. Ela dizia que tinha visto um veado. Zou Lei estendeu a mão para o interruptor. Vão cobrar-nos a luz.

Percorri mil milhas, disse a mãe. Deveria estar cansada, mas não estou. Voltou para a cama, afastando a filha com a mão robusta e forte.

Foram a tribunal. Tinha um tapete castanho. Alguém lhe disse para levantar o cu. Uma mulher branca com uma saia às riscas finas e uma pasta de cartolina na mão disse, A acusação não tem nenhuma objeção. Ninguém lhe disse porquê. Mais tarde, só lhe disseram que se ia embora. Vai buscar as tuas coisas lá acima, disse o delegado, a apontar. No canto estava um saco de papel com as calças de ganga. Ela pegou nas roupas e vestiu-se sob a luz fluorescente, sem contar o dinheiro até já estar do lado de fora. Eles abriram remotamente a porta de vidro, e ela saiu, passando pelos quadros de anúncios, pelo cartaz preso com pioneses que dizia Para Visitar o Seu Preso em quatro línguas diferentes, em direção ao espaço aberto da pequena cidade — eram sete da manhã —, aos carris do caminho de ferro, ao arame farpado e à água.

No autocarro, ela inclinou a cabeça contra o vidro para ver a saída da cidade. Passaram pelas casas com a tinta a cair, Sua Graça da Cura. Era mais barato do que o MetroNorth. O motorista falou ao altifalante, olhando pelo retrovisor. É proibido fumar, obrigado. O vagabundo de chapéu de cowboy preto, com uma suástica no pescoço, perguntou: Tens lume? No Roy Rogers, toda a gente voltou a comer, exceto ela. Fechou os olhos na I-95, ouvindo o som dos auscultadores de alguém. Quando voltou a abri-los, atravessavam um bairro social e havia polícias com equipamento de ataque e soldados com espingardas de assalto na Autoridade Portuária.

«O AMOR É O QUE FAZ O MUNDO GIRAR PARA ALGUMAS PESSOAS. O QUE FAZ O MUNDO GIRAR? SINCERAMENTE, A GUERRA.»

Premiado com diversos prémios e unanimemente considerado um dos melhores romances editados em 2014, *Preparação para a Próxima Vida* é um testemunho implacável dos milhões de indivíduos que habitam as margens do sonho americano.

Neste fulgurante livro de estreia, com o fôlego dos grandes clássicos norte-americanos, Atticus Lish oferece-nos o reverso da América do postal turístico: selvagem, luminosa, sórdida.

Zou Lei é chinesa e vive hoje ilegalmente nos Estados Unidos.

O seu sonho americano? Trabalha dezasseis horas por dia num restaurante chinês e vive num miserável apartamento arrendado. Brad Skinner regressou há pouco tempo do deserto do Iraque, mas não deixou a guerra para trás.

Em Nova Iorque, assombrado pelos mortos e estropiados do outro lado do mundo, vê no álcool e nos medicamentos uma hipótese de fuga.

Para este par de combatentes na linha da frente do quotidiano, o amor era uma impossibilidade – e ainda assim Skinner e Zou Lei aproximam-se, como se um pudesse curar o outro. Mas nenhum fantasma fica adormecido para sempre.

«Talvez a melhor história de amor desta década.»

The New York Times

«Tem a força da tragédia clássica [...]. Lish parece ser influenciado por Dickens e por modernistas norte-americanos como Ralph Ellison e John Dos Passos.»

The Guardian

«Uma estreia impressionante na ficção, sobre um mundo tão grande que por vezes não temos para onde ir, um mundo tão pequeno que por vezes nos perdemos nele.»

The New York Review of Books

ELSINORE

entre nós e as palavras

Primeira Edição

ISBN 978-989-8831-16-3



9 789898 831163

Literatura Estrangeira

YOU ARE WELCOME TO WWW.ELSINORE.PT

